

Junho de 1969

A

COMUNIDADE DA ESPERANÇA

Reflexões bíblicas sobre a natureza e missão da Igreja. Documento preparado pelo Departamento de Estudos da Junta Latino-Americana de Igreja e Sociedade.

Paulo usa uma figura de rara beleza e conteúdo simbólico para descrever a história de que participamos. "Sabemos", diz ele, "que toda a criação gême a um só tempo e até agora tem estado em dores de parto. E não sómente êla, mas também nós, que já provamos os primeiros frutos do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção de nosso corpo. Porque em esperança fomos salvos." (Rom. 8.22-24). Encontramos aqui o que poderíamos chamar uma teologia da história, ou seja, uma visão da história de que participamos, quando vista da perspectiva do passado da comunidade da fé. De acordo com o apóstolo,

vivemos num mundo que foi engravidado pela atividade do Espírito Santo. No seu seio uma nova realidade está tomando forma ante os nossos olhos extasiados. Não se trata de um mundo estéril, seco, acabado, abandonado por Deus à sua própria sorte. Ao contrário: êle é a morada do Espírito que nêle penetra para gerá-lo de nôvo. Como se, a cada momento, o milagre da criação se repetisse, e as forças do caos e da morte fôssem conquistadas pela determinação divina: Haja vida.

Paulo indica que a experiência da fé implica em provar, antecipadamente, "os primeiros frutos" (8.23, as "primi-

cias") dêste futuro nôvo que está sendo gerado. Como se Deus nos permitisse sentir, no presente, o gôsto bom do "aperitivo" dêste amanhã. O que significa que a nossa razão descobre uma forma radicalmente diferente de experimentar o mundo: agora ela o vê sob a luz da "esperança" e, consequentemente o presente é apreendido em termos das exigências éticas que esta esperança contém (8.23).

É necessário notar que para o apóstolo a esperança é o tema central da sinfonia de gemidos que a criação, os homens e o próprio Deus entoam em uníssono. Gême a criação, gememos nós, gême o Espírito (8.26). Através do gemido universal articula-se o protesto divino e humano contra o mundo tal como élé é. Há lágrimas que precisam ser enxutas, feridas que precisam ser curadas, instrumentos de injustiça e opressão que devem ser quebradas para que o homem venha a usufruir a sua filiação divina, a "redenção do corpo". Não é sofrimento nascido da angústia, como sugere uma tradução do texto. Angústia é dor sem esperança. Ao contrário, o sofrimento das dores de parto mistura-se com o sorriso que nasce da certeza de que algo nôvo está por nascer.

I. Esperança para a América Latina

É impressionante a semelhança entre a descrição de Paulo e o clima de esperança que nasceu em nosso continente. Durante muitos anos a América Latina permaneceu silenciosa. Muito embora os homens sofresssem, sua dor não era dinamizada pela esperança: não se abria para o futuro mas fechava-se no desespere. O índio, o negro, o branco, o mestiço se uniam no silêncio de sua dor, trabalhando nas minas, nas plantações de café, de cana de açúcar, enfrentando a agonia de uma vida sem futuro e de

um futuro sem esperança de vida, devorados pela seca, pelas enfermidades, transformados em nômades, deixando os campos em que morriam para encontrar nas cidades novas formas de sofrimento, vendo morrer seus filhos na impotência de sua pobreza. Seu destino: nascer por acidente, viver nas fronteiras entre a vida e a morte e morrer no abandono. Teologicamente e bíblicamente em cada homem que sofria e morria, Cristo sofria e morria também (Mat. 25.35-40).

Entretanto, no vale de ossos sêcos o Espírito soprou a vida (Ez. 37). Nos homens dantes sem esperança brotou a determinação de viver. Começaram a caminhar, movidos pela visão das coisas invisíveis, pela esperança de que, no futuro que ainda não existia, haveriam de poder criar uma "terra que emana leite e mel", em que o jugo que sóbre élles pesava seria destruído (Isaias 9.4), e na qual juízo e justiça seriam estabelecidos para sempre. (Isaias 9.7). Compreenderam existencialmente que o sofrimento não era da vontade de Deus. Ao contrário: o propósito divino era a "redenção de seu corpo" (8.23), a transformação das areias esbraseadas em lagos e da terra sedenta em mananciais de águas (Is. 35.7), a criação de um mundo de abundância para os humildes e famintos (Lucas 1.52-53). A face dêste homem se transfigurou. Se antes élle era como uma pedra inerte, agora a esperança e a determinação de viver o transformaram numa flecha que voa. E o presente, dantes sua prisão, passou a ser o arco que a atividade divina e a obediência humana entesam para arremessar a flecha.

Aquilo que Paulo descreveu de forma poética — o nascimento da esperança — passou a ser vivido existencialmente pela América Latina. Momento profundamente evangélico. Tratava-se de um

kairós: momento em que a atividade divina se tornava profundamente intensa e as suas intenções especialmente claras.

II. A Comunidade da Esperança

a. Mas Deus não faz as coisas sózinho. Quando Ele age, Ele chama os homens: "Segui-me". É por isto que Paulo declara que "somos cooperadores com Deus" (I Cor. 3.9). Esta é a razão porque o apóstolo, ao apontar para este mundo engravidado pelo Espírito, não o faz como observador, nem como indivíduo isolado. Através dêle fala toda uma comunidade: sabemos, gememos, esperamos. Estas são palavras que brotam de dentro de uma participação vital em todo o processo mesmo que é descrito. Sabemos, porque participamos. Gememos, porque participamos. Esperamos, porque participamos. É a participação naquilo que Deus faz que nos permite compreender o significado e a direção da atividade divina: "Se alguém quiser fazer a vontade dêle, conhecerá a respeito da doutrina" (João 7.17). E é nesta participação obediente nos atos de Deus para redimir a sua criação que se constitui a sua comunidade. Assim, podemos dizer que dentre todos os grupos humanos a comunidade do Espírito é aquela cuja atividade é uma resposta à dinâmica de Deus para a transformação do mundo e do homem. Muito embora a nossa tentação seja a de definir a comunidade em termos do seu passado, de suas tradições, de suas idéias e doutrinas, Jesus declara expressamente: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai..." (Mat. 7.21). Os apóstolos João e Paulo afirmam a mesma coisa, ao indicar que não existe conhecimento de Deus — muito embora possa haver, doutrina correta! — quando não existe obe-

diência, ou seja, amor (I João 4.8; Cor. 13.2).

Cremos ser necessário refletir um pouco mais sobre este assunto. E isto porque um dos hábitos mentais mais persistentes que temos é o de confundir as estruturas que aprendemos a denominar "igrejas" com a comunidade do Espírito. Este foi um vício teológico que, infelizmente, herdamos do Catolicismo medieval. "Queres encontrar o Espírito?", perguntava aquela igreja. "Buscai-me e o encontrareis, pois Ele é a minha alma e eu sou o seu corpo." Dentro desta teologia, a igreja é a realidade primária, dada, localizada, nunca objeto de uma busca, mas antes uma presença permanente. Corremos, igualmente, o perigo de pensar que é dentro de nossas tradições teológicas e estruturas eclesiásticas que o Espírito deve ser encontrado, lembremo-nos das palavras de Jesus, quando descreveu o Espírito como sendo como o vento (Jo. 3.8). "Sopra onde quer, ouve a sua voz, mas não sabes donde vem nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito." Não é difícil compreender estas palavras em relação ao indivíduo. Elas indicam o caráter inexplicável da conversão. Mas qual será o seu sentido quando aplicadas à comunidade nascida do Espírito? Se o Espírito é como o vento — não podemos prendê-lo ou controlá-lo — a comunidade do Espírito é também assim. Não podemos aprisioná-la. Ela foge das estruturas onde nós pensamos conter e forma, então, novas estruturas a fim de expressar-se. Foi exatamente esta visão teológica que fez possível a Reforma Protestante. Os reformadores compreenderam que o Espírito não era prisioneiro de nenhuma instituição e que, ao contrário, agia livremente para criar o seu povo. Nenhuma estrutura tinha, assim, o poder para determinar os limites do Espírito ou para conter a sua vitalidade. Ao contrário, era o Espírito,

em toda a sua liberdade, que criava uma comunidade de amor. O problema fundamental, então, é descobrir quais são as marcas do Espírito, porque serão elas que irão determinar as marcas da sua comunidade. **Onde está a comunidade do Espírito? A resposta: onde se manifestam os sinais da Sua atividade. Nas palavras de Jesus: "Pelos seus frutos os conhecereis" (Mat. 7.20).**

b. A Reforma Protestante tomou forma como uma compreensão nova da comunidade. Se Deus não é lei, como pensava a teologia medieval, mas graça e amor, a sua atividade se expressava fundamentalmente na criação de uma realidade social na qual este amor tomava forma. A comunidade do Espírito não pode, portanto, ser definida seja em termos legais, seja em termos intelectuais, seja em termos estruturais. É lógico que tais elementos têm um lugar. Mas lugar subordinado: apenas como instrumentos do amor. Cremos que tal perspectiva é profundamente evangélica. E isto porque os testemunhos bíblicos são unâmines em indicar que o Espírito se manifesta pela destruição daquilo que separava os homens, unindo-os numa comunidade de amor (Ef. 2.13 e ss.). "Deus é amor" (I Jo. 4.8), afirma João. Sua criação, portanto, é amor. Mas o amor só existe entre pessoas. Por isto criar o amor é o mesmo que criar comunidade, e criar comunidade é o mesmo que criar amor. Não existe comunidade anterior ao amor, como não existe amor fora de comunidade. Portanto, não estamos dizendo que Deus cria uma comunidade e que posteriormente lhe dê um mandamento de amor. Ao contrário: o amor é idêntico à vida da comunidade. Porque Deus é amor, a vida da comunidade é uma expressão histórica da graça divina. Esta é a razão porque o Nôvo Testamento a denomina "o Corpo de Cristo".

Onde dois ou três se encontram reunidos no nome de Cristo, ali está também a Presença daquele que é amor.

Para a Bíblia, as afirmações acerca do amor de Deus são derivadas da experiência de eventos históricos portadores de amor. Porque Deus agiu misericordiosa e salvadoramente para com o homem na história, podemos crer que Ele nos ama (João 3.16; I Jo. 4.9). Amor existe sempre em ato. Temos de afirmar, como consequência, que o amor da comunidade só pode se expressar por meio de atos. Daí a advertência de João: "Filhinhos, não amemos de língua, mas de fato e de verdade" (I Jo. 3.18). O amor não existe aparte do "Vai e faze" (Lucas 10.37). Não se trata de reduzir o evangelho a uma simples dimensão social ou a um programa social. E isto porque o Deus Bíblico está presente nos homens que são o objeto do seu amor. Como Lutero sugeriu, o próximo é o lugar onde Cristo se apresenta, escondido, a nós (cf. Mat. 25.40 e 45). Amar ao próximo e servi-lo se identificam, portanto, com amar a Deus e servi-lo (I Jo. 4.12; Lucas 10.25 a 31). Notar na parábola do Samaritano que Jesus contrasta os que tinham uma preocupação direta com o serviço divino (sacerdote e levita) com o "hereje". Cf. também Amós 5.23 a 25, onde o profeta indica que Deus é servido não por um serviço direto, mas através do serviço ao próximo: "Antes corra o juízo como as águas, e a justiça como ribeiro perene.") O corpo de Cristo ou seja, a comunidade na sua dimensão de transcendência, existe na medida em que os membros se amam, se perdoam, se aceitam, se ajudam.

c. O amor, entretanto, não se fecha dentro do círculo comunitário. Ele ama todas as coisas que sua bondade criou. O que as mãos de Deus criaram só pode ser, original e escatologicamente, "mui-

to bom" (Gen. 1.31). A presença do ódio e da injustiça na criação não implicam no fim do amor de Deus. Ao contrário: Ele permanece amando, mesmo quando não amamos. E esta é a fonte da nossa esperança. Porque sabemos que Ele ama tôdas as coisas, sabemos que sua atividade tem por propósito reunir "tôdas as coisas em Cristo" (Ef. 11. 10). A comunidade, como expressão e instrumento do amor de Deus, não existe, consequentemente, a não ser na sua participação nos sofrimentos de Cristo, nos gemidos do Espírito, na atividade transformadora de Deus para tornar o Reino presente. Sua vida é uma expressão dinâmica da súplica: "Seja a feita a tua vontade na terra como é feita nos céus". Para sermos consistentes com a afirmação de que o amor é o próprio ser da comunidade, e não um mandamento que lhe é acrescentado "a posteriori", temos de tornar claro que não estamos dizendo simplesmente que "a Igreja deve participar na atividade divina pela transformação do mundo." Como se existisse a realidade eclesial fora da participação nesta dinâmica! Desejamos, simplesmente, indicar que é exatamente onde há uma comunidade de amor, comprometida com Deus naquilo que Ele está fazendo para nos dar "um futuro e uma esperança" que a comunidade do Espírito se encontra.

d. A Bíblia se refere freqüentemente ao permanente conflito entre a vontade de Deus e a vontade do homem. Uma de suas perspectivas antropológicas descreve o homem como um ser em revolta, incapaz de amar, obcecado pelo amor a si mesmo e pelo desejo de dominar: o homem como pecador. Deus e o homem se relacionam como duas vontades inimigas e irreconciliadas. Relação de conflito. Por outro lado, entretanto, ela indica que o Espírito está engajado na tarefa

de criar um novo homem (João 3.7), com uma vontade nova (Jer. 31.33-34), homem em harmonia com os propósitos divinos. O que marca, segundo a Bíblia, esta transição do homem velho para o homem novo é uma **radical transformação de todas as estruturas mentais** que determinam o relacionamento do homem com o seu próximo, com o seu mundo, consigo mesmo e consequentemente, com Deus. Esta crise de transição é denominada **metanoia: mudança de mente, arrependimento**. Transformação total que significa não apenas um novo amor como também (como consequência deste) uma nova maneira de ver, de pensar, de analisar, de agir. Este é o homem "em Cristo" a que Paulo se refere, ou seja, aquele cuja vontade nova se harmoniza com os propósitos de Deus de criar uma comunidade de amor e de transfigurar o mundo. Mas este homem, como já indicamos atrás, é exatamente aquela que forma a comunidade do Espírito. A reconciliação da vontade humana com a vontade divina se expressa assim numa realidade social. Deus, como Senhor, vai à frente. A comunidade, como aquela que crê, toma o risco da obediência e se engaja no mesmo conflito em que o seu Senhor está comprometido: conflito com as forças do egoísmo que desejam preservar o mundo tal como ele é e impedir o advento do Reino.

e. Isto significa, ao mesmo tempo, que aquelas comunidades que se encontram nas mesmas fronteiras de obediência se descobrem como reconciliadas entre si. Nada as separa. São expressões do único corpo de Cristo.

Note-se que esta é uma unidade voltada para o futuro, isto é, em função de um engajamento comum nas lutas de Deus por um mundo transformado. Desistem-se as ilusões da unidade em função

de nossas tradições e concordâncias verbais. E caem por terra também as divisões com base em nossos conflitos passados e nossas tradições intelectuais. Toma forma, natural e necessariamente, a unidade que nasce sem esforços e sem negociações, da simples participação nas lutas de Deus no mundo.

É dentro desta perspectiva que encaramos a extraordinária renovação por que está passando a Igreja Católica Romana. É evidente que não podemos ser românticos e pensar que se trata de uma renovação uniforme e profunda em toda a Igreja. Mas isto, de forma alguma, diminui a promessa que estes primeiros frutos já oferecem e a esperança que em nós criam. Se nem um vale de ossos secos pode resistir o sopro vivificante do Espírito de Deus (Ez. 37), quanto mais uma comunidade de cristãos que buscam a sua orientação. Dentro de uma perspectiva profundamente Protestante temos de nos regosijar diante do fato de que o Espírito — que não é posse nossa — continua a sua operação, pois Ele tem poder até de vivificar os mortos e chamar à existência as cousas que não existem (Rom. 4:17).

Por isto mesmo consideramos o ceticismo e a reserva reinantes em certos círculos Protestantes, frente à renovação da Igreja Católica, como profundamente contrária à nossa tradição teológica e bíblica. Parece-nos que tal atitude contém, em primeiro lugar, uma negação da afirmação Protestante da liberdade do Espírito de Deus para agir e criar onde bem lhe apraz. E com tal falta de fé vai a presunção de que Ele se tornou monopólio nosso. Por outro lado, esta dúvida implica numa negação da própria esperança da ressurreição. A esperança da ressurreição se baseia na fé de que o Espírito "vivifica os mortos e chama à existência as cousas que não

existem" (Rom. 4:17). Se não cremoç que o Espírito está renovando a Igreja Católica, apezar das inúmeras evidências, não podemos ter a esperança da ressurreição dos mortos.

f. Sugerimos atrás que reconciliação com Deus significa participação nas Suas lutas. Ou seja, irreconciliação com todas aquelas forças culturais, sociais, econômicas, políticas, eclesiásticas, em resumo, com todos os "poderes d'este mundo" que estão comprometidos com a preservação das formas de pecado que se transformaram em instituições. Que significa isto: formas de pecado que se tornaram em instituições? Deus é amor. Pecado é tudo aquilo que é contrário ao amor. Nas palavras de Agostinho: o amor de si mesmo. Ou seja, o desejo de dominar, de controlar, de usar o próximo. O desejo de poder e domínio se transforma em instituições que o servem e perpetuam. Reconciliação com Cristo é, concomitantemente, conflito com as forças do Anti-Cristo, com os poderes que desejam abortar o futuro e a esperança que o Espírito está criando. Como muito bem entendeu Agostinho, a história humana é um conflito entre duas realidade de caráter político: a caridade de Deus, dominada pelo amor a Deus, e a cidade dos homens, impulsionada pelo amor a si mesma e pela sua determinação de destruir o bem universal a fim de preservar vantagens de caráter privado.

g. Tal perspectiva teológica bíblica determina uma visão definida da tarefa missionária. Missão é cooperar com Deus naquilo que Ele está fazendo: A Igreja não pode fazer nada mais, nada menos e nada diferente. E o que Deus faz hoje é uma continuação dos mesmos propósitos revelados na Bíblia: exaltar os humildes, encher de bens os famintos (Luc. 1:51-53), anunciar as boas novas do advento

do Reino aos pobres, proclamar libertação aos cativeiros, restauração de vista aos cegos, libertar os oprimidos pela injustiça e anunciar o ano aceitável ao Senhor (Luc. 4.18-19). O ano aceitável ao Senhor se refere ao ano do jubileu, agora transformado numa instituição da História messiânica universal: o ano em que todas as dívidas eram perdoadas, os escravos libertados, as terras devolvidas aos seus legítimos donos, em que todas as estruturas de dominação eram despedacadas e um futuro totalmente novo era colocado diante dos homens. Missão portanto, significa participar no processo pelo qual Deus faz novas todas as coisas.

h. A participação na mesma missão do Messias significa que a comunidade participará também da sua sorte. "Se me perseguiram a mim também perseguirão a vós outros" (João 15.20). A perseguição vem justamente dos poderes mais fortemente estabelecidos e reconhecidos da sociedade: Jesus foi crucificado pelos poderes religiosos e políticos, que falavam em nome de Deus e da ordem. Perseguição inevitável. E isto porque, as palavras Deus e ordem (lei) escondem, freqüentemente, o homem do pecado disfarçado. Ele coloca sobre si o manto da religião e a cobertura da lei para justificar a sua vontade de poder e domínio. E quando isto acontece, não podemos ter ilusões: o Mesias e os seus seguidores serão enviados à cruz.

i. Esta é a razão porque os fenômenos religião e igreja são bastante ambíquos. A sua história nos revela que, com uma freqüência que não desejamos reconhecer. O poder do amor se transforma em amor ao poder. E quando isto acontece, ela se torna diabólica. A Bíblia se refere freqüente a esta transformação. A sua

escolha de palavras para descrever esta metamorfose é uma evidência muito clara da seriedade com que o escritor encarava a questão. Por vezes o texto sugere que aquela comunidade que fôra a "virgem" ou a "espôsa" se transformem em "prostituta". Noutras passagens a comunidade é comparada a uma videira que fôra plantada de boas sementes, mas que só dava uvas bravas. A comunidade que fôra criada para o amor e a bondade esquece-se disto. Passa a ser dominada pela lei, pela rigidez e autoritarismo. O seu respeito pelos ricos e poderosos toma o lugar do seu compromisso com o sofrimento dos pobres e oprimidos. De criadora de um mundo novo passa a ser preservadora do velho. Organismo vivo que se transforma em "sepulcro caiaido". Antes, voltada para o mundo e sua transformação, agora incapaz de fertilizá-lo e dedicada à auto-preservação. Esta é a temática do permanente conflito no Velho Testamento entre sacerdotes e profetas, e no Novo Testamento entre lei e graça. No fim da corrupção da comunidade ainda permanecem todas as formas de piedade: o templo, as assembleias solenes, o ruido das celebrações (Amós 5.21-23). Na realidade elas têm agora uma importância muito maior que dantes. Mas nada mais são que ídolos: máscaras que encobrem o amor ao poder na sua forma religiosa.

A questão crucial é se levamos a sério a Bíblia, se estamos dispostos a ver-nos, sob a luz da Palavra de Deus. Nem sempre é agradável contemplar-nos tais como somos. Preferimos que os profetas sonhem segundo os nossos desejos (Jer. 29.8), que proclamem "paz, paz, quando não há paz" (Jer. 6.14). A dura realidade dos fatos pode ser dolorosa. Mas, de que nos serve proclamar que estamos "ricos e abastados e de nada temos falta", quando a realidade é que somos "pobres,

cei

suplemento

Junho de 1969

cegos e nus" (Ap. 3.17). Ver com clareza e realismo é uma das prioridades do momento (Ap. 3.18), pois sómente então compreenderemos onde estamos. Podermos então — mas só então levantar a outra pergunta: Para onde ir e o que fazer?

Olhamos para a Bíblia e ali encontramos a imagem da comunidade do Espírito: amor, comprometimento com a transformação do mundo, voltada para

o futuro, reconciliada com os homens que caminham na mesma direção, pronta a tomar os riscos da obediência e do conflito com os poderes do Anti-Cristo. E olhamos para nós mesmos, que pensamos ser a igreja de Deus no Continente Latino-Americano, onde Deus está sofrendo e morrendo com todos os que são perseguidos por causa da justiça. Descobrimos então o que realmente somos. E desta descoberta devem surgir as decisões acerca do que fazer.